

O Amuleto

Corria o ano décimo do reinado de Khefren, faraó do Antigo Egito¹.

As duas amigas aproveitavam a sombra refrescante das palmeiras para jogar, não muito longe das suas casas expostas a um calor que passava os quarenta graus. A bola, feita de estreitas tiras de papiro² e forrada a couro³, voava de uma para a outra obrigando-as a esticarem-se para não saírem do círculo onde cada uma se encontrava. Num lançamento que saiu com um pouco mais de força a pequena Sar Anubi atirou a bola bem fora do alcance da sua amiga. Esta saiu disparada na mesma direção só parando lá mais atrás, perto da estrada principal que atravessava a cidade e que dava diretamente até ao palácio do rei⁴. Baixou-se e ficou-se imóvel mais tempo que o necessário para apanhar a bola⁵. Sar Anubi preparava-se para gritar à sua amiga quando esta se levantou, deu meia volta e correu novamente, desta vez até junto dela.

Ofegante, Joa-nabeth olhou-a de olhos arregalados e abriu a mão dizendo baixinho:

“Olha o que encontrei!”

A amiga olhou para baixo e questionou um pouco confusa:

¹ Ano de 2548 antes de Cristo nascer

² Planta cujas folhas compridas também serviam para fazer papel

³ Pele tratada de animal

⁴ Rei é o mesmo que faraó, mas no Egito tratavam-no por rei.

⁵ Quedou-se – parou, imóvel – sem se mexer

“...a bola?”

Joa-nabeth baixou os olhos, deu uma risadinha e voltou a fechar a mão na bola, abrindo a outra.

“Por Bastet⁶ que nos protege!” exclamou maravilhada Sar Anubi ao observar o pequeno objeto dourado. “Sabes o que é?” perguntou sem desviar o olhar.

Com um sorriso largo a pequena Joa abanou nervosamente a cabeça repetidas vezes, confirmando:

“Sei, sei! A minha mãe ainda guarda um igual, mas feito em madeira, desde a altura em que nasci.” E continuou: “É Tawaret! O deus que protege as senhoras enquanto estão grávidas e também durante o nascimento dos bebés.”

“Mas este parece de ouro, não é?” questionou Sar, admirada com o conhecimento da sua querida amiga, que contava os mesmos dez anos que ela. “E isto aqui por baixo é escrita.”

“Pena não sabermos o que diz...” disse Joa-nabeth. “Ah! Mas vamos saber! Sabes, o meu primo Nacib? Ele está na escola de escribas⁷ e sabe ler. Pode de certeza dizer-nos o que está escrito aqui.”

Ao contrário das meninas, filhas de simples camponeses, o primo de Joa pôde frequentar a escola de escribas. O seu pai era um artesão⁸ muito

⁶ Bastet era uma deusa protetora, com corpo de mulher e cabeça de gato

⁷ Pessoas que sabiam ler e que escreviam sobre tudo o que se passava no antigo Egito

⁸ Pessoa que fazia peças em madeira ou metal: estatuetas, brinquedos, etc

conhecido devido às peças extraordinárias que esculpia, e por tal foi-lhe concedido o direito de ter o seu filho a estudar para um dia ser escriba.

Nessa mesma noite, sem perderem tempo, Joa e a amiga foram a casa do seu primo. Sem entrarem, chamaram-no a um canto e falaram-lhe sobre o que tinham encontrado. Nacib fez um ar espantado e ao mesmo tempo amedrontado⁹ mal leu os hieróglifos¹⁰ por baixo da pequena figura em ouro. Apesar dos símbolos da escrita já serem um pouco diferentes no tempo que corria, os antigos hieróglifos ainda eram usados para escreverem frases de adoração e louvor que dissessem respeito ao rei ou à sua família. Neste caso era algo sobre a rainha, esposa principal do rei Khefren. Dizia: *Que Tawaret proteja a rainha e o filho de Khefren.*

“Isto que vocês encontraram é um amuleto¹¹! E pertence a Persenet, a rainha!” E voltou a repetir em voz alta o que tinha acabado de ler.

“Com certeza perdeu-o”, lembrou Joa-nabeth. “Nasceram ainda poucos sóis desde que ela desfilou pela cidade. Veio mostrar a todos que traz na sua barriga o primeiro descendente do nosso rei. Só pode ter sido aí que o perdeu.”

“Sem a proteção do deus Tawaret¹² a sua vida e a do bebé podem estar em perigo”, afirmou Nacib com toda a certeza apesar dos seus onze anos. “Mas se eles sabem que vocês têm o amuleto...”

⁹ Assustado

¹⁰ Símbolos da escrita egípcia antiga

¹¹ Algo que se traz para dar sorte, normalmente uma medalha ou figura pequena

“... vão pensar que fomos nós que o roubámos! Porque ninguém vai acreditar em nós se o quisermos entregar”, completou Sar Anubi.

“E agora?” perguntou a amiga com ar preocupado para logo dar solução. “Vamos ter que ir ao palácio e deixar este amuleto com a rainha. Mas sem ninguém dar conta.”

E assim ficou combinado. As duas companheiras de brincadeira iriam entrar no palácio sem que ninguém desse conta e chegar ao quarto da rainha para lá deixar a imagem de Tawaret que a protegeria de todos os males. Assim dito, parecia tão fácil como jogar com a bola!

Passaram três dias até que pudessem sair ao fim da tarde para visitar uma outra amiga que morava no lado sul da cidade. No entanto, o caminho que tomaram pouco depois de se encontrarem foi outro. O palácio real esperava por elas e pelo amuleto que traria de novo a boa sorte à jovem rainha do Egito.

O dia já escurecia quando deixaram para trás as últimas casas e chegaram à praça imensa que levava à entrada do palácio. Esta situava-se no cimo de uma imponente¹³ escadaria que se estendia a toda a largura do edifício. Chegadas um pouco mais perto, conseguiram distinguir aquilo que seria o seu primeiro obstáculo¹⁴. Para lá das duas taças de ferro gigantes pousadas no chão, donde saía o fogo que iluminava toda a

¹² Tawaret tinha cabeça de hipopótamo, costas de crocodilo e barriga de mulher grávida

¹³ grandiosa

¹⁴ Alguma coisa que não nos deixa passar

fachada, uma fila de soldados alinhados de cada um dos lados da imensa porta impedia que alguém se aproximasse. Joa-nabeth e Sar Anubi olharam uma para a outra desanimadas e decidiram procurar outra forma de entrar. Andaram ainda bastante ao longo do muro alto que fechava toda a zona do palácio, quando por fim deram com uma entrada que estava nesse preciso momento a ser utilizada. Uma carroça atrelada a dois cavalos estava parada enquanto alguns servos¹⁵ da família real carregavam lá para dentro grandes sacos cheios de cereais. As duas meninas chegaram-se o mais perto possível do muro, bem junto à entrada, encobertas pela vegetação que decorava toda a área. Enquanto dois dos homens saíam para ir buscar outros sacos, outro entrava com um. Logo que este passou para dentro, as amigas entraram também atrás dele para logo se esconderem. Daqui estavam safas. Agora era só chegar aos aposentos da rainha¹⁶.

Bom, para quem está habituado a casas simples de camponeses não era assim tão fácil dar com o caminho certo para chegarem onde queriam. Até conseguirem entrar no edifício principal do palácio, as duas pequenas quase desistiram. Mas finalmente chegaram lá, através duma passagem que ligava a zona das cozinhas às salas onde tomavam as refeições todos os que pertenciam à família real.

Agora mais à vontade, percorreram rapidamente um curto corredor de paredes altas que terminava num átrio¹⁷ largo, bem iluminado por archotes pouco mais altos que uma pessoa, feitos de canas de bambu.

¹⁵ Criados

¹⁶ Conjunto de salas e quartos só para a rainha descansar e se arranjar

¹⁷ Espécie de pátio que depois tem saídas para várias zonas do palácio

Três colunas redondas pintadas de cores vivas completavam o que ali existia. Eram bem mais largas que uma palmeira e tão altas tão altas que Joa-nabeth teve que esticar bem o pescoço para conseguir vê-las até lá cima. Nisto, ouviram um pequeno ruído que as assustou e de imediato esconderam-se atrás de uma das colunas. Espreitaram devagarinho e voltaram a esconder a cabeça. Sustiveram a respiração¹⁸. Ao fundo, vindos de um corredor do lado direito passavam dois homens. Estavam vestidos da mesma maneira que os sacerdotes¹⁹ do templo, local onde elas por vezes iam com os seus pais levar oferendas aos deuses. Os dois continuaram em frente, desaparecendo por outro corredor do lado esquerdo. Finalmente respiraram de alívio.

“Vamos!” disse baixinho Sar Anubi.

“Temos que andar depressa porque não podemos passar aqui a noite toda.” E nisto saíram do esconderijo para se apressaram por um dos outros corredores. Andaram por aqui e por ali, escondendo-se sempre que passava algum servo, até se aproximarem de um sítio onde ouviam algumas vozes. Com cautela chegaram perto da entrada de uma sala enorme.

Espreitaram. Estava tão bem iluminada que até parecia de dia. Arregalaram os olhos. Devia ser um jantar especial. Todas as mulheres estavam lindas...

¹⁸ Pararam de respirar (para não fazer barulho)

¹⁹ Homens ou mulheres que estavam nos templos para servir os deuses do Egito

Algumas ainda seguravam flores de lótus²⁰. Os vestidos compridos e estreitos de linho finíssimo, bordados com fios dourados e com pequenos brilhantes de várias cores fizeram brilhar também os olhitos das duas meninas. Já para não falar nos colares. E aquilo no cimo da cabeça? Quer dizer, no cimo das perucas lisas de cabelos negros... Têm uns altinhos de cera! Aaaaah... A cera perfumada da qual

a mãe de Joa já lhe falara... Que vai derretendo com o calor e deitando sempre aquele cheirinho ótimo que estavam a sentir...

Mas os vestidos são um bocadito transparentes, pensou Joa-nabeth torcendo o narizito.

“Já comia era qualquer coisa”, sussurrou baixinho Sar Anubi para a amiga ao ver alguns dos homens nobres²¹ e suas esposas deleitarem-se²² com os figos servidos naquelas taças com mel.

“És tola! Devias era preocupar-te em encontrar o quarto da rainha. Ela também deve estar aqui mas não consigo ver a sala toda,” disse Joa no mesmo tom. “Vamos continuar.”

As duas pequenas afastaram-se para não serem vistas e atravessaram outra sala sem ninguém, um pouco mais à frente. Depois, quando estavam quase a sair, pararam e esconderam-se de lado, ao descobrirem que havia dois guardas à entrada do corredor seguinte. Joa pensou depressa. Na sua pequena sacola presa à cintura tinha as pedrinhas redondas com as quais costumava brincar. Retirou uma delas e

²⁰ Flores de uma planta que cresce na água

²¹ Homens ricos e muito importantes amigos do rei

²² Deliciarem-se

começou a bater na parede. Assustada, Sar Anubi olhou para a amiga sem perceber porque razão estava ela a fazer barulho, quando deviam era estar quietinhas para não chamarem a atenção dos guardas. Joa descansou-a colocando os dedos da mão em frente à boca, querendo dizer-lhe para se manter calada.

Ao ouvirem o barulho estranho por diversas vezes os guardas avançaram até à entrada da sala. Aí, Joa-nabeth atirou pelo ar a pedrinha minúscula bem para o fundo da sala. Passado um instante ouviu-se o barulho da bolinha a cair no chão e saltitar até parar. Os guardas não perderam mais tempo e correram para o outro lado da sala. Enquanto isso, Joa puxou pela amiga e esgueiraram-se²³ para dentro do corredor enquanto os homens ficavam ocupados a descobrir o que se passava. Sar não conteve uma pequena risada nervosa. Isto era emocionante! Pouco depois as meninas abrandaram o passo já que este corredor não estava iluminado. Conseguiram perceber entretanto que tinha vários desenhos nas paredes e quando olharam mais para cima verificaram que não tinha teto. Ao andarem podiam observar as estrelas brilhantes no céu escuro. Continuaram e ao fundo entraram num outro átrio. Aqui, porém, já existiam portas em cada uma das paredes. A luz que se podia ver por baixo delas indicava que tudo o que houvesse para lá estaria bem iluminado. Estranho... Estava tudo tão calmo...

As meninas entreolharam-se²⁴ e Sar apontou para a porta da frente. Devagarinho aproximaram-se e encostaram o ouvido à madeira. Nada. Resolveram empurrar. Era grande e pesada, mas finalmente lá começou a

²³ Fugiram sem serem vistas

²⁴ Olharam uma para a outra

abrir-se. Mal puderam, enfiaram a cabeça para dentro. Ninguém. Mais um empurrãozinho e entraram. Caminharam até ao centro da sala e olharam em volta. Todas as paredes mostravam meninos a brincar ou a jogar e as figuras estavam pintadas de cores muito bonitas. Também havia algumas palavras escritas. As amigas estavam em cima de um imenso tapete com grandes almofadas espalhadas a toda a volta. Havia bonecos de madeira e até cavalinhos com rodinhas tombados pelo chão enquanto numa ou noutra mesa baixinha estavam pousados tabuleiros com pequenas bolinhas, brinquedos e jogos de crianças. Sar Anubi e Joa-nabeth sorriram ao verem tanta brincadeira.

De repente um grande barulho atrás delas fê-las saltar de medo e sentiram os seus corações a baterem cada vez mais depressa. Ficaram como duas estátuas, sem coragem para se voltarem. Joa já começava a fazer beicinho quando escutaram um som muito mais familiar.

“Miaaaaau...”

Começaram a virar as cabeças lentamente até darem com os olhos azuis de um gato lindo, cor de cinza, empoleirado em cima de uma mesinha. Por todo o lado estavam os cacos do jarro que derrubara²⁵.

Suspiraram aliviadas e logo resolveram sair dali o mais rapidamente possível. Restava saber para onde. Cá fora, decidiram-se pela porta da esquerda. Depois de escutarem e de nada ouvirem, entraram. Depois da porta, um pequeno espaço completamente vazio levava até uma cortina de tecido grosso pintada unicamente com flores de lótus. Afastaram-na ligeiramente e passaram.

²⁵ Empurrara para o chão

Agora sim. Esta sala já parecia mais um quarto. De ambos os lados, imensos vestidos pendurados, cada um mais bonito que o outro, ocupavam o comprimento todo de ambas as paredes. Mesas com espelhos e cadeiras. E perucas. Muitas perucas perfeitamente penteadas e enfeitadas. *Isto só pode pertencer à rainha*, pensou Sar. Ao fundo, outro cortinado. Desta vez deram uma pequena corrida para chegarem mais rapidamente. Nova sala. O ar perfumado agradou a Joa e Sar. Estava bom de ver que aqui era onde a rainha se preparava. À direita, três degraus davam acesso a uma banheira enorme enfiada no chão. Do outro lado, imensos frascos com líquidos não muito coloridos estavam devidamente arrumados sobre as mesas e mais espelhos aqui e ali. Havia ainda muitas outras coisas que as duas meninas nem percebiam para que serviam. Continuaram, abriram o terceiro cortinado, e soltaram um riso de contentamento. Era o quarto da rainha Persenet.

Não perderam tempo. Entraram. Em frente à cama havia uma espécie de armário, enorme, todo em pedra e com muitas cavidades²⁶. Em cada uma destas estavam algumas caixas, estatuetas representando alguns deuses e vários outros objetos. Ao fundo, uma estreita passagem dava acesso a um terraço com o chão iluminado pela luz clara do luar. De um lado e doutro, observaram o que lhes pareceu serem pequenas e estreitas camas com almofadas em forma de rolo. Sobre os tapetes havia ainda mais almofadas enormes. Tantas, que Joa-nabeth não resistiu a dar uma corrida e atirar-se para cima delas, rebolando-se de braços abertos. Sar Anubi copiou a amiga e logo começaram uma brincadeira, rindo sem parar.

²⁶ Buracos que pareciam prateleiras

Após estes instantes de distração, lembraram-se novamente da razão que as levara ali. Levantaram-se e Sar retirou da sua sacola a amuleto em ouro do deus Tawaret. Encaminhou-se para o local onde estavam todas as outras estatuetas, quando Joa a fez parar:

“Não. Pousa antes ali em cima da cama. A rainha vai descobri-la melhor.”

Realmente, aquele medalhão dourado sobressaía sobre o linho branco bordado. Satisfeitas, as amigas observaram-no uma última vez e deram meia volta para ir embora.

“Aaaa!”, deixaram escapar. Foi o maior susto da vida delas. A surpresa foi tal que quase caíram para

trás. Ficaram de boca aberta, sem fala. À sua frente, na entrada do quarto, permanecia imóvel a mais bela senhora que já tinham visto. O enfeite dourado na cabeça, a pele lisa e morena, e o vestido lindo e elegante apesar da barriga um pouco crescida, logo

diziam quem ela era. A rainha do Egito estava ali diante delas. A sombra azul e o risco preto faziam sobressair ainda mais aqueles olhos grandes que sem pestanejar as questionaram²⁷:

“Que fazem aqui crianças? Quem são vocês?”

Depois de engolir em seco várias vezes, Sar Anubi lá conseguiu gaguejar:

“N...nós...viem...trouxemos...” e apontou para trás sem tirar os olhos da rainha que espreitou por entre as duas.

²⁷ Perguntaram

E Joa-nabeth logo disparou sem parar para respirar:

“Viemos trazer-lhe o amuleto sagrado de Tawaret que encontramos na estrada por onde a nossa querida rainha passou e que perdeu e como ficámos preocupadas porque precisa dele para ter sorte para o bebé e para si também trouxemos para não pensar que fomos nós que o roubámos porque ninguém ia acreditar em nós e resolvemos pô-lo aqui para o encontrar e assim ficava contente e corria tudo bem e depois íamos...”

“Já percebi, já percebi...” e um sorriso largo de um branco perfeito logo acalmou as duas meninas.

“Na verdade estava muito preocupada, pois Tawaret é o meu guardião²⁸. E este foi mandado fazer pelo meu rei e esposo para nos proteger de todo o mal, a mim e ao seu filho que trago comigo.”

Após uma breve pausa Persenet continuou:

“Por terem recuperado o amuleto e pela vossa coragem irei gratificar-vos²⁹.”

Sar e Joa olharam-se e sorriram felizes mesmo sem perceberem bem o que aquilo queria dizer.

Nessa mesma noite a rainha mandou trazer os pais das crianças. De simples camponeses a trabalhar para outros, passaram a ser donos de terras, sendo assim considerados pessoas mais importantes. Joa-nabeth e Sar Anubi passaram a frequentar o palácio para poderem brincar com

²⁸ Alguém que guarda ou toma conta de uma coisa

²⁹ Dar-lhes uma recompensa, um prémio

outras crianças e serem educadas para virem a ser importantes acompanhantes da rainha.

Fora uma pequena aventura que mudara para sempre as suas vidas e as de suas famílias.